

A mulher em Bachelard: a gênese do devaneio

Álvaro de Pinheiro Gouvêa – PUC/RJ

RESUMO

Para Bachelard e para Jung, o psiquismo humano é andrógino em sua primitividade: um homem e uma mulher habitam no nosso inconsciente (*anima/animus* – “o duplo” é o duplo de um ente duplo). No seu livro “A poética do devaneio” Bachelard apresenta a tese de que o devaneio está sob o signo da anima e sustenta que o homem mais viril, com demasiada simplicidade caracterizada por um forte *animus*, tem também uma *anima* – um homem e uma mulher falam na solidão do nosso ser. Mas faz-se necessário ter em conta que a anima em Jung evoca simplesmente o feminino no homem e o animus o masculino na mulher. Este trabalho sustenta que, em Bachelard, a reflexão sobre anima/animus negligencia a anima e o animus em seu aspecto negativo e, por outro lado, torna-se uma reflexão um pouco confusa, no momento em que ele afirma que o homem possui também um animus e a mulher uma anima. Contudo, existe uma imensa unidade harmônica entre os dois pensadores quando falam da androgenia do psiquismo humano. Mas o pensamento deles acaba por se distinguir e esse artigo tenta refletir e precisar a natureza dessa possível diferença. É quase inútil acrescentar que a mulher em Bachelard não é exatamente a mulher em Jung.

Palavras-chave: Psicanálise junguiana. Feminino e masculino. Anima e animus. Ego. Self.

RÉSUMÉ

Pour Bachelard et pour Jung, le psychisme humain est androgyne en sa primitivité: un homme et une femme habitent dans notre inconscient (*anima/animus* – le “double” est le double d’un être double). Dans son livre “La poétique de la rêverie” Bachelard présente la thèse que la rêverie est sous le signe de l’anima. Ici il soutient que l’homme le plus viril, est trop simplement caractérisé par un fort *animus*, a aussi une *anima* (un homme et une femme parlent dans la solitude de notre être). Mais il faut tenir compte que l’anima chez Jung évoque simplement

le féminin chez l’homme et l’animus évoque le masculin chez la femme. Dans notre présent essai nous voulons défendre que la réflexion sur l’anima e l’animus chez Bachelard oublie l’anima e l’animus dans son aspect négatif et, d’autre part, prend une direction confuse dans le moment où il accepte de centrer, au même temps, ces deux instances psychologiques (animus/anima) dans l’homme et dans la femme. Néanmoins, on sent une immense unité harmonique entre les deux penseurs sur l’androgynie du psychisme humain. Mais la pensée entre les deux devient distincte et, dans ce texte, nous essayerons de réfléchir et préciser la nature de cette possible différence. Il est presque inutile d’ajouter que la femme chez Bachelard n’est pas exactement la femme chez Jung.

Mots clés: Psychanalyse junguine. Feminine et masculine. Anima et animus. Ego. Self.

“E eis-nos no centro da tese que queremos defender no presente ensaio: o devaneio está sob o signo da anima. Quando o devaneio é realmente profundo, o ente que vem sonbar em nós é a nossa anima.”

Gaston Bachelard

“A anima, em sua forma desenvolvida, atua como mediadora entre o ego dos homens e o Self. Ela estabelece uma conexão com a fonte de seu ser.”

Von Franz

Não se pode falar de *anima* e *animus* sem falar de sombra, sem compreendermos o mecanismo de projeção da psique com vistas à construção do eu e às atuações de caráter simbólico que presenciamos no que Jung chama de “processo de individuação”. Esses são conceitos interligados. Como nos diz Jung “não é o sujeito que projeta, mas o inconsciente”. Projetar é uma função da psique, “não se cria a projeção: ela já existe de antemão” (JUNG, 1986, p. 7).

Na verdade, “projetar” foi a melhor maneira que a psique encontrou para levar o eu a dar conta do mundo externo sem perder de vista o mundo interno e as exigências do Selbst (si-mesmo). Diferentemente de Freud, Jung postula a existência de dois centros na psique: o “eu” como centro da consciência e o “si-mesmo” como centro da totalidade da psique. Os pós-junguianos falam do eixo “Eu-Si-mesmo” (Ego-Self) para formalizar a dialética entre o eu e o inconsciente. O eu como centro da consciência teria como alvo a realização do “si-mesmo”, adequando e abrindo caminhos para um saber metódico e criativo, acompanhando o sentir, transformando o invisível em visível e mesmo, manuseando o ser pela via das atividades sensório-motoras.

Através do mecanismo de projeção o ser se abre ao universo, mistura-se com o “de fora” a fim de adequar o desejo inconsciente às exigências do mundo externo. Contudo, nessa dialética intermitente entre “mundo interno” e “mundo externo” o eu pode sucumbir. Abordando essa questão Jung adverte: “a assimilação do eu pelo si-mesmo deve ser considerada como uma catástrofe psíquica”. (JUNG, 1986, p. 22, § 45). Isso porque, embora sendo a realização do “si-mesmo” o alvo do processo de individuação, antes de tudo, é ele um arquétipo dotado de forte numinosidade que se for projetada indiscriminadamente no eu pode levá-lo a inflacionar. O perigo encontra-se na possibilidade dessa propriedade numinosa do si-mesmo levar o indivíduo a sucumbir a uma espécie de megalomania. Nesse caso, imagens fascinantes e fortemente carregadas de afeto poderiam invadir o eu, desencadeando um surto psicótico.

Ao contrário desse perigo haveria um outro, o de vir o eu a assumir uma atitude rígida e extremada frente às exigências do mundo interno, abandonando o “si-mesmo” como referencial ao entregar-se por completo aos estímulos externos. Nesse caso, a forte repressão dos instintos de fora para dentro, levaria o indivíduo a comportamentos neuróticos, podendo também no futuro vir a desenvolver um quadro psicótico. Diríamos, portanto, que o eu caminha fragilmente como no fio de uma navalha sempre sujeito a

sucumbir: ora por abandonar e desconhecer as exigências do “mundo interno” e ora por não suportar as demandas do “mundo externo”. No que concerne a um eu forte, diríamos que seria aquele que está sempre conseguindo estabelecer uma dialógica entre esses dois mundos. Surge daí essa advertência de Jung: “o enraizamento do eu no mundo da consciência e o fortalecimento da consciência por uma adaptação o mais adequada possível são de suma importância” (JUNG, 1986, p. 22, § 46).

Enquanto centro da consciência, o eu tem como papel resistir aos embates entre conteúdos arquetípicos e às questões propostas pelo mundo externo. Assim, o desejo inconsciente estaria sempre sendo traduzido pelo eu, transformando-se a seguir em consciência. Dessa forma o eu se assentaria de um lado, sobre impulsos inconscientes vindo do “si-mesmo” e, de outro, sobre o campo da consciência, essa última sendo o resultado do embate travado entre o desejo do indivíduo e o desejo do mundo que o cerca. Não se trata de um assentamento pacífico, mas de uma batalha travada a cada momento na vida do indivíduo. O objetivo dessa batalha é permitir ao eu emergir de sua identidade primária com o “si-mesmo” e colocar-se de maneira criativa no mundo.

Nessa dialética entre o “de dentro” com o “de fora”, o indivíduo se transforma em sujeito e objeto de uma trama existencial. Uma ordenação secreta no interior de seu ser projeta-se no mundo dos objetos em busca de consciência. A ordenação sistemática dos objetos no exterior é que vai possibilitar ao eu classificar e ordenar o desejo, estabelecendo uma nova ordem nos objetos interiores. O processo de individuação reside nessa busca de ordenações e de significações, ou seja, na busca de realização do “si-mesmo” através da fabricação e do lidar com imagens. A “economia libidinal” se daria através da fabricação de símbolos expressos em imagens carregadas de afeto e de significação, imagens estas que buscariam a luz da consciência, levando o indivíduo à criação de si mesmo. Diríamos então que “processo de individuação” é o mesmo que “processo de criação e de simbolização”. Individuar, simbolizar,

criar e viver – combinam elementos do inconsciente coletivo (virtualidades arquetípicas), do inconsciente pessoal (complexos) e naturalmente de exigências impostas pela civilização. Trata-se de um agir integrado entre o ser e o fazer humanos.

O eu aparece nesse contexto como o centro da consciência, articulando o ser no não ser. O invisível e obscuro da personalidade do indivíduo encontra nesse formador de consciência que é o eu o mediador ideal para nossas ilusões, fantasias e devaneios. Mas como o eu receberia e articularia o “mundo de dentro” com o “mundo de fora”? Existem mecanismos que auxiliam a psique nessa difícil tarefa de realizar o “si-mesmo” no mundo: são os “parceiros do eu”. São eles: a *persona* (máscara), a sombra, *animus* e *anima*. O “eu e a sombra” como estruturas de identidade e a *persona* e *anima/animus* como estruturas de relação. A sombra e a *persona* coexistem com uma certa harmonia na medida que uma compensa a outra. Grosso modo, a sombra como estrutura de identidade seria uma espécie de anti-eu; representa os lados obscuros, desconhecidos e renegados de nossa personalidade.

O que é reprimido pela *persona* transforma-se em sombra. A sombra aparece como uma personalidade escondida que precisa vir à tona e ser apropriada de maneira criativa pelo eu:

Dentro de cada um há uma sombra escondida. Por trás da máscara que usamos para os outros, por baixo do rosto que mostramos a nós mesmos vive um aspecto oculto da nossa personalidade. De noite, enquanto dormimos indefesos, sua imagem nos confronta face a face (VON FRANZ, 1993, p. 88).

Uma sombra forte guarda uma *persona* enfraquecida. O complexo da *persona*, enquanto estrutura de relação, está voltado para o mundo exterior e ajuda o eu a mediar os conteúdos vindos do mundo externo. A *persona* representa nossas atitudes conscientes direcionadas para o mundo externo e toda vez que o eu por algum estímulo externo se volta de maneira desmesurada (inflação do eu) para as exigências externas, a sombra é acionada levando o in-

divíduo a rever as linhas que demarcam o processo de individuação.

Como nos adverte Jung, o inconsciente sofre e provoca mudanças e o eu se transforma no agenciador dessa metamorfose contínua do indivíduo. E, nessa dinâmica da individuação, os “parceiros do eu” ocupam um lugar de importância, importância esta que, segundo Jung (1986, p.27, § 53), “vai crescendo na seguinte progressão: consciência do eu, sombra, *anima/animus* e si-mesmo”. Aqui caberia nos perguntar: qual seria o papel da *anima* e do *animus* nessa dinâmica?

Segundo Jung, o grupamento *anima/animus* representa conexões arquetípicas (arquetipo sexual) que se relacionam entre si, possuem aspectos positivos e negativos e exercem uma ação direta e sistemática como mediadores de emoções. Jung (1986, p. 11, § 26). nos diz:

O fator determinante das projeções é a *anima*, isto é, o inconsciente representado pela *anima*. Onde quer que se manifeste: nos sonhos, nas visões e fantasias, ela aparece personificada, mostrando deste modo que o fator subjacente a ela possui todas as qualidades características de um ser feminino. Não se trata de uma invenção da consciência; é uma produção espontânea do inconsciente. Também não se trata de uma figura substitutiva da mãe. Pelo contrário: temos a impressão de que as qualidades numinosas que tornam a imagem materna tão poderosa originam-se do arquétipo coletivo da *anima* que se encarna de novo em cada criança do sexo masculino.

Ao contrário do homem, Jung (1986, p. 12, § 29) vai se referir ao masculino na mulher como *animus*:

A mulher é compensada por uma natureza masculina, e por isso o seu inconsciente tem, por assim dizer, um sinal masculino. Em comparação com o homem, isto indica uma diferença considerável. Correlativamente, designei o fator determinante de projeções presente na mulher com o nome de *animus*.

E acrescenta Jung (1986, p. 12, § 29): “Como a *anima* corresponde ao Eros materno, o *animus* corresponde ao Logos paterno”.

A nossa questão nesse trabalho é a de saber se no eloqüente discurso de Bachelard em que usa o conceito junguiano de *anima/animus* (BACHELARD, 1988), estaria ele sendo fiel ao texto junguiano. Na verdade, os pontos de vista de Jung e Bachelard sobre o conceito de *anima/animus* não são coincidentes em todos os pontos. A formulação de Bachelard diz: “O homem mais viril, com demasiada simplicidade caracterizada por um forte *animus*, tem também uma *anima* [...]” (grifo nosso) (BACHELARD, 1988, p. 58) E mais à frente o filósofo acrescenta:

[...] é preciso confessar que existem dois tipos de leitura: a leitura em *animus* e a leitura em *anima*. Não sou o mesmo homem quando leio um livro de idéias, em que o *animus* deve ficar vigilante, pronto para crítica, pronto para a réplica, ou um livro de poeta, em que as imagens devem ser recebidas numa espécie de acolhimento transcendental dos dons. O *animus* lê pouco; a *anima*, muito. Não é raro o meu *animus* repreender-me por ler demais (BACHELARD, 1988, p. 61-62).

Ao contrário de Bachelard, como vimos na citação de Jung acima, quando Jung se refere à *anima* é exclusivamente para falar do feminino no homem, nesse caso o homem não possuiria *animus*, o mesmo valendo para a mulher que só teria *animus*. Bachelard, em oposição a Jung, acredita que o homem possua também um *animus*, não é, portanto inteiramente compatível com o pensamento junguiano. Em Jung o correto seria dizer que o homem possui uma *anima* e que poderíamos nos referir também ao *animus* dessa *anima*. Bachelard parece fugir à nomenclatura junguiana quando situa no mesmo indivíduo homem ou mulher os pares *anima/animus*, sem esclarecer a questão.

Certamente que em Jung quando usamos o termo *anima* estamos falando textualmente da essência do feminino no homem e *animus* da essência do masculino na mulher: “A *anima*, sendo feminina, é a figura que compensa a consciência masculina. Na

mulher, a figura compensadora é de caráter masculino e pode ser designada pelo nome de *animus*” (JUNG, 1978, p. 81, § 328). Mas, por outro lado, poderíamos considerar que Bachelard esteja se referindo ao *animus* da *anima* de um homem. Vejamos o que Jung nos fala sobre o *animus* da *anima* e a *anima* do *animus*:

Como o *animus* tem tendência a argumentar, é nas discussões obstinadas em que mais se faz notar a sua presença. Por certo é possível que haja também muitos homens que argumentem de maneira bem feminina, naqueles casos, por exemplo, em que são predominantemente possuídos pela *anima*, razão pela qual se transmudam no *animus* da *anima* (JUNG, 1988, p.13, § 29).

Através da sua *anima* Bachelard é capaz de aceder à sua “mulher interna” na forma de uma inquietude intelectual que se abre a um ardente devaneio em *anima*, sem perder de vista a força de vontade e a energia própria do *animus* da sua *anima*. A *anima* se faz mulher em Bachelard na produção sistemática e firme de seus escritos sobre o devaneio, ou seja, a mulher enquanto logos aparece no interior de sua *anima* tornando-a criativa. A *anima* que se formaliza em mulher, transforma o homem em poeta e filósofo, despotencializando o ego de Bachelard do vampirismo de uma *anima* negativa. Portanto, diria que a “mulher em Bachelard” ou sua *anima*, se encontra encarnada em sua poética. O *animus* da mulher que existe em Bachelard leva o poeta a ser tomado por um impulso de agir objetivo, transformando seus sonhos literários em devaneios profundos e bem articulados lingüisticamente. A nosso ver, é sua *anima* a responsável por esse construto literário que o leva a fazer uma ruptura e uma explosão impetuosa com a racionalidade científica. Optando pelo devaneio em *anima*, Bachelard dá início a uma estética não muito racionalizada, essencialmente feminina em seu conteúdo.

A partir da figura contra-sexual amadurecida de uma mulher interior, a produção literária de Bachelard é fortemente alimentada por um certo rigor, disciplina, coragem e espírito de verdade

próprio do *animus* de sua *anima*. Certamente não encontramos em suas reflexões em *anima* as distorções de uma *anima* negativa. Talvez, o próprio fato de negar a possibilidade do aspecto negativo da *anima*, possa ser entendido em Bachelard como uma espécie de dominação da *anima*. Em simplificando grosseiramente, diríamos que a *anima* em seu aspecto negativo aparece como algo de autoritário e rígido ou como o dragão de um complexo materno negativo que sugaria a energia de seu filho envolvendo-o em uma feminilidade sensível e delicada em extremo. O que não é o caso de Bachelard. O entusiasmo de Bachelard em sua “poética do devaneio” poderia ser registrado por uma psicanalista junguiana como sendo uma espécie de reação interna positiva ao aspecto sombrio de sua *anima*. A “mulher em Bachelard” apareceria então como uma possível superação masculina e intelectual dos poderes devoradores de que uma *anima* negativa poderia exercer sobre sua personalidade.

Como nos diz Jung, a *anima* passa por vários estágios: Eva, Helena, Sofia e a Sabedoria de Deus. Em Bachelard a *anima* transformou-se numa companheira espiritual com quem mantinha um sexo romântico e uma sabedoria que o colocava mais perto da vida. Ao escrever “A poética do devaneio”, Bachelard criava em *anima*, embora fosse alimentado por uma maturidade em *animus*. Isso faria sua poética transformar-se no ato heróico de um homem que parecia ter superado o demônio materno e matado a mãe imaginária em seu aspecto letárgico e ansioso e partisse em busca de um devaneio consistente que realizasse seu ser através de uma *anima* positiva.

Bachelard sabia que o devaneio é sempre um devaneio em busca de objetos, ao contrário do delírio que recusa ver-se comprometido com a necessidade de exterioridade do ser. Devaneio não é delírio. Na verdade, o delírio nasce dos dilemas ocasionados pela falta ou, ao contrário, pela proliferação de objetos. O devaneio é uma forma mais elevada de saber que ultrapassou um Eros em estado primitivo de fantasia auto-erótica para dar ao homem a capacidade de um relacionamento maduro com o femini-

no. Quando falo do “feminino em Bachelard”, estou falando de uma forma exterior de viver que permite a Bachelard produzir toda sua literatura, fundamentalmente a sua poética, com uma certa precisão e harmonia literárias. A harmonia presente na poética de Bachelard nos permite visualizar Sofia, uma *anima* que se transformou numa sábia mulher. Ao mesmo tempo em que Bachelard produz sua obra percebemos que está também se individuando, ou seja, regulando e unificando as energias do “si-mesmo” em torno dos outros arquétipos: a sombra, a *anima*, o *animus*. Aqui dá para entender Bachelard quando diz que “a poética do devaneio é uma poética em *anima*”. A *anima* como porta-voz, como mensageira de conteúdos do inconsciente.

Por outro lado, poderíamos questionar essa especulação de Bachelard sobre a gênese do devaneio. Por que não estaria o devaneio também sob o signo do *animus*? A afirmativa de que o devaneio é uma manifestação da *anima* poderia sem dúvida ser apenas uma projeção marcada pela *anima* de Bachelard. Essa não imparcialidade de Bachelard poderia denotar o reflexo singularmente humano de um pensador que ao sonhar em *anima* em alguns momentos acaba construindo uma espécie de mundo mental masculino inteiramente dominado pela *anima*. Daí Bachelard desejar sonhar também em *animus*, o que do ponto de vista junguiano seria o sonho do *animus* da sua *anima*. Vejamos o que diz Bachelard: “[...] vejo que mantive todos os meus devaneios nas facilidades da *anima*” E continua o poeta: “Entretanto, para que não se diga que a *anima* é o ser de toda nossa vida, gostaríamos ainda de escrever um outro livro, que, desta vez, seria a obra de um *animus*” (BACHELARD, 1988, p. 205).

A complexidade do mundo do devaneio envolve questões nem sempre óbvias. Não podemos esquecer que uma discussão sobre a fenomenologia do devaneio, em que usamos os conceitos de *anima* e *animus*, exige também algum conhecimento sobre a dinâmica e o funcionamento da psique como um todo. Faz-se necessário investigar e precisar um pouco mais os conceitos de *anima* e *animus*. Vejamos o que nos diz

a psicanalista junguiana Von Franz (1993, p. 114) sobre o conceito de *anima/animus*:

Assim como veremos que o *animus* na mulher é às vezes destrutivo e negativo, *anima* negra é relativamente negativa no homem. Ela indica que sua capacidade de amar é basicamente auto-erótica. Um homem que não desenvolveu a *anima*, seu lado feminino, em geral é narcisista. É isso que uma mulher com pesar sente quando um homem mia como um gato diante da sua janela. Na verdade, ele ama sua própria fantasia. Ele ama o fato de estar amando, mas isso está longe de aprender a amá-la de fato.

Haveria devaneio sob o signo de uma *anima* negativa? Consideramos que interpretar o devaneio tão somente como sob o signo da *anima* pode causar muitos equívocos. Em primeiro lugar seria preciso fazer essas distinções: primeiro nos perguntar se estamos falando do lado feminino do inconsciente do homem ou se falamos de uma *anima* generalizada pertencendo ao homem e a mulher, como parece ser o modo de Bachelard compreender a questão. Uma outra questão diz respeito aos aspectos positivo e negativo do *animus* e da *anima*. Faz-se necessário distinguir o que pode haver de destrutivo ou de criativo no *animus* e na *anima*. Não ter consciência do lado negativo da *anima* poderia resultar também numa projeção coletiva da *anima* negativa.

Como podemos observar, a dificuldade estaria em determinar se estamos falando da *anima* negativa ou da *anima* positiva e, depois, pensar sobre a fenomenologia do devaneio. Aqui caberia nos perguntar sobre qual *anima* Bachelard estaria tecendo seu devaneio? Que espécie de literatura poderia uma *anima* negativa tecer? Seria possível o devaneio em *animus*? A nosso ver, a talentosa escrita de Bachelard nos remete sem dúvida a uma *anima* positiva, profundamente criativa. Contudo, acreditamos que o fundamento da intuição bachelardiana no seu livro “*A poética do devaneio*” é nada mais que o reflexo singularmente humano de um pensador transformado por sua *anima*. E, ao falar por ela, acaba enredando-se numa reflexão pessoal. Consideramos o devaneio

como uma espécie de diálogo estabelecido entre sujeito e o seu sonho. Como já observamos acima, o devaneio pelo devaneio é puro delírio. Isso porque o mundo do devaneio para ser benéfico ao sonhador tem que ser relacionado com a vida real.

Certamente, poderíamos entender o devaneio como uma atividade própria à dinâmica inconsciente. Nesse caso, o devaneio em *anima* permitiria ao indivíduo aproximar-se de conteúdos inconscientes e mesmo a descrever as raízes do arquétipo materno. Não é incorreto considerar que o arquétipo sexual *anima/animus* ao colocar o indivíduo no estado de devaneio de algum modo estaria libertando-o de seus desejos incestuosos provindos do arquétipo materno. Isso porque o devaneio enquanto uma espécie de sonho acordado permite ao eu entrar em contato com necessidades arquetípicas do “si-mesmo”, anexando-as às demandas do mundo externo. No devaneio presenciamos uma baixa de consciência capaz de transformar os indivíduos em poetas demiurgos.

Em sendo assim, pode-se afirmar que a poética de Bachelard está diretamente próxima da numinosidade do “si-mesmo”. O eu do poeta que escreve em *anima* se encontra seduzido pela mulher que habita sua alma e prazerosamente o conduz pelas veredas da poesia e da criatividade. Verdadeiramente poderíamos dizer que no devaneio bachelardiano o eu e a *anima* encontram-se numa circularidade dialética, evidenciada, muitas vezes, pelo *animus* de sua *anima*. Uma *anima* que aparece não simplesmente como a “dançarina geradora de ilusões” (JUNG, 1986, p. 9, § 20). Isso porque o eco de exterioridade assegurado pelo *animus da anima* aumentou a segurança do eu estabelecendo uma ponte entre o desejo, os fantasmas e as fantasias. Assim cria-se o estado de espírito necessário para que se faça a conexão e a junção necessárias à produção de realidade.

Faz-se necessário insistir na pergunta: estaria Jung e Bachelard falando da mesma *anima*? Certamente que Bachelard escreve “*A poética do devaneio*” numa *anima* positiva e seu discurso apresenta pontos de convergência com o conceito desenvolvido por Jung. Com algumas variantes, poderíamos dizer

que Bachelard e Jung tecem seus comentários inspirados na idéia de que o inconsciente mantém no indivíduo poderes de androginidade (BACHELARD, 1988, p. 55). Contudo, apesar das ressonâncias junguianas em seu texto, Bachelard parece mais propenso a absolutizar o papel da *anima* como a geradora por excelência do fenômeno do devaneio, conduzido talvez por uma estética feminina potencializada por suas projeções em *anima*, o que, de certa forma, o situaria fora do campo gravitacional da psicologia aplicada.

Diria que a *anima* que inspira Bachelard em sua poética não é exatamente a mesma das obras de Jung. Contudo, ambas possuem algo inapelavelmente tentador e sedutor e adquirem contornos absolutamente numinosos e considerável poder de fascínio como num surto ordenado de inspiração poética. Mas, embora seguindo caminhos diferentes, existe uma unidade intuitiva que permeia as idéias de Bachelard, aproximado-as das idéias de Jung. Não há dúvida de que os componentes básicos da poética bachelardiana são da ordem do devaneio em *anima*. O filósofo-poeta precisa do devaneio para contextualizar sua arte de filosofar. Mas, em Jung existe uma preocupação com a clínica. E, para evitar um devaneio contínuo em *anima*, Jung procura ativar o *animus* de sua *anima*, com o intuito de extrair uma certa atividade lógica e funcional própria do *animus*. Essa tarefa exige dele esforços contínuos e plenos de tensão.

Assim, marcado pelo *animus* da *anima*, compreende Jung que não se pode ignorar, na clínica, a fronteira que demarca o desdobramento da *anima* em duas: uma cuja força motriz e fascínio impele e encoraja os homens, nutrindo-os através das aventuras do devaneio e, outra negativa, que os dissocia e os despersonalizam. De qualquer modo, insiste Jung em afirmar que são idênticas as ações do *animus* e da *anima* sobre o eu. Vejamos esse comentário da psicanalista junguiana Von Franz (1993, p.151): “[...] assim como a *anima* vampiresca do homem, o *animus* em sua forma negativa é um parasita. Ele personifica a brutalidade, a frieza e a obstinação, e

paralisa o crescimento da mulher”. Apesar de considerarmos que o texto de Bachelard sobre *anima/animus* em seu livro “*A poética do devaneio*” possua um tom mais poético que o de Jung em suas obras, não encontramos propriamente uma oposição entre eles no que se refere ao conteúdo do texto. Apenas fica marcante a forma como os dois pensam o funcionamento desse par de opostos. Consideramos que a *anima* bachelardiana é uma *anima* positiva deduzida, a nosso ver, das experiências positivas que teve Bachelard como filósofo-poeta e velho-sábio, existindo nesse livro um enfoque excepcionalmente amplo e otimista desse conceito. Mas, ambos modelam o ser humano a partir de uma massa feminina, um ser híbrido em sua natureza arquetípica, uma lama originária na qual o sopro de Deus em *animus* faria a vida surgir em *anima*. Daí, Jung ter definido a *anima* como o Arquétipo da Vida e Bachelard ficar plenamente de acordo.

A diferença entre eles reside apenas em alguns pormenores: enquanto Bachelard investiga a função criativa do devaneio em *anima*, Jung procura adentrar também nas árduas e fastidiosas formas negativas que a *Sizígia*¹ possa vir a assumir ao se encarnar no eu de um indivíduo. A questão de discernir entre uma *anima* positiva ou negativa, parece ser importante mais para o psicólogo que para o filósofo. Embora reconhecendo o problema que envolve indivíduo-mundo-interindividualidade, Bachelard prefere optar pela *anima* “que sonha e canta” na solidão do ser como uma “*anima* normal” que não conhece problemas. Recusa-se a admitir o aspecto negativo da *anima* mas, paradoxalmente, ele nos fala de uma “*anima* normal” deixando-nos inferir sobre a possibilidade de existência de uma *anima* negativa ou “anormal”. Vejamos o que ele nos diz:

Os sintomas de feminilidade que o psicólogo enumera para determinar suas classificações características não nos proporcionam um verdadeiro contato com a *anima* normal, a *anima* que vive em todo ente humano normal. Muitas vezes o psicó-

1 A *Sizígia* é o termo utilizado por Jung para se referir ao grupo *anima* e *animus* (JUNG, 1986, p. 9).

logo não observa mais que uma espuma das fermentações de uma *anima* inquieta, de uma *anima* trabalhada por ‘problemas’. Problemas! Como se os houvesse para quem conhece as seguranças do repouso feminino! (BACHELARD, 1988, p. 62).

E continua o filósofo: “Quando Jung nos diz que Bismarck tinha crises de choro, tais vacilações do *animus* não constituem, automaticamente, manifestações positivas da *anima*. A *anima* não é uma fraqueza” (BACHELARD, 1988, p. 65). Apesar dessa diferença, é preciso afirmar que ambos, Jung e Bachelard consideram o ser humano como um ser dividido cuja singularidade se efetua sempre alternando e conjugando interior/exterior, individual e coletivo, *anima/animus*.

De acordo com Bachelard e Jung, *anima* e *animus* são duas dimensões presentes no psiquismo humano. Para ambos o psiquismo humano é em sua primitividade andrógino. Como já fora dito, a diferença essencial entre os dois pensadores é determinada pela esquiva de Bachelard a possíveis qualidades negativas da *anima*. Em Bachelard a *anima* enquanto matriz do devaneio ela é sempre positiva, normal. De sua embriagues em *anima*, devaneia o nosso filósofo-poeta:

Para receber os poderes da *anima*, portanto, seria necessário, a nosso ver, voltar as costas às pesquisas dos psicólogos que vão a busca dos psiquismos acidentados. À *anima* repugnam os acidentes. Ela é uma substância suave, substância lisa que quer gozar suavemente, lentamente, de seu próprio ser liso. ‘Viveremos mais seguramente em *anima* aprofundando o devaneio, amando o devaneio, o devaneio das águas, sobretudo’. (BACHELARD, 1988, p. 65-66).

Mas, a *anima* nem sempre nos conduz aos “devaneios em águas” como deseja Bachelard. Muitas vezes, os dois momentos simultâneos em *anima* e *animus* se compõem de maneira estranha ao eu e faz surgir no indivíduo uma espécie de profundidade esquizóide que o leva ao extremo dessa divisão, transformando-o em um simulacro de homem. Paradoxalmente é o próprio Bachelard quem obser-

va: “Tais simulacros existem: há homens e mulheres que são demasiado homens – há homens e mulheres que são demasiados mulheres. A boa natureza tende a eliminar esses excessos em proveito do comércio íntimo, numa mesma alma, das potências de *animus* e de *anima*” (BACHELARD, 1988, p. 87).

Vale a pena, pois, concluir dizendo que o *animus* positivo seria uma espécie de movimento interno na mulher que a levaria com o tempo a uma inteligência e intencionalidade superiores que decorrem de uma psique que é mais completa que a consciência. Haveria, portanto no indivíduo, duas faces: no homem essa face estaria voltada ora para *anima* e ora para o *animus* da *anima* e, na mulher, ao contrário, uma face estaria voltada para o *animus* e a outra para a *anima* do seu *animus*. É essa androgenia do psiquismo que afasta o grotesco e a degradação a que está sujeito o espírito humano e cria, ao mesmo tempo, uma espécie de antídoto necessário ao bom desempenho do eu.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- JUNG, C. G. *AION. Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VON FRANZ, M-L. *O caminho dos sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1993.